

Acordo não devolve credibilidade

SÃO PAULO — O acordo provisório firmado entre o governo brasileiro e os bancos credores internacionais ainda não foi suficiente para restituir aos papéis do Brasil a credibilidade e o valor que tinham antes da moratória. Ao contrário do que chegou a ser divulgado, os títulos da dívida externa continuam sendo negociados no mercado secundário por apenas 47% do seu valor de face, numa indicação eloquente de que a procura por esses papéis não aumentou.

“Não houve modificação alguma”, assegura Igor Cornelsen, representante no Brasil do Libra Bank, inglês. Cornelsen prevê que enquanto o país não fechar um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) os títulos brasileiros não sofrerão qualquer espécie de recuperação, pelo simples e bom motivo de que, sem acerto com o Fundo, o acordo de refinanciamento da dívida brasileira firmado com os bancos credores não se implementará.

Os bancos sabem que o Brasil não está conseguindo controlar o déficit público e que essa é uma condição indispensável para obter um aval do FMI”, observa Cornelsen, apontando uma barreira imediata à recuperação do valor dos títulos brasileiros.

Conversão — O lado positivo dessa notícia é, que a manutenção de um deságio elevado significa, de imediato, que não haverá abalos no programa de conversão da dívida

externa em investimento de risco, que se encontra em fase de regulamentação pelo Banco Central. O primeiro leilão público de títulos para conversão está sendo esperado para o final deste mês, ou, no máximo, para o início de abril.

Caso, porém, os títulos brasileiros recuperem rapidamente o seu valor original, pode diminuir o interesse dos investidores estrangeiros em participar do programa de conversão. Em boa parte, o sucesso desse programa está ligado à possibilidade de que os investidores comprem no mercado secundário internacional um título brasileiro de segunda mão, com valor real aviltado, e troquem no Brasil por uma quantia próxima, em cruzados, ao seu valor original. Essa diferença — o deságio — é que torna a operação mais interessante que o processo de investimento normal, feito pelo câmbio oficial.

“A conversão não está ameaçada”, acredita Cornelsen. Segundo ele, durante um bom tempo ainda haverá papéis brasileiros (e latino-americanos, de um modo geral) sendo ofertados em grande quantidade no mercado secundário. “Os empréstimos para a América Latina estão com o prestígio abalado”, diz o representante do Libra. “Mesmo que o Brasil retome os pagamentos e acertos com o FMI, os seus papéis continuarão ainda a ser mal vistos”.